

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

O FENÔMENO DA MEDICALIZAÇÃO E O CONSUMO DO MEDICAMENTO CLORIDRATO DE METILFENIDATO

Ana Júlia Rodrigues e Silva Antônio (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Mariana Barros Cunha (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Fábio Jose Orsini Lopes, (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil);

Contato: Ra127968@uem.br; Ra127987@uem.br; Fjlopes2@uem.br

Palavras-chave: Medicalização. Psicofármaco. Metilfenidato. Ritalina. Concerta.

INTRODUÇÃO

Para relacionar o fenômeno da medicalização com o consumo do medicamento cloridrato de metilfenidato, é necessário compreender o conceito de medicalização e a função do medicamento. Sendo assim, o conceito de medicalização é estudado por autores como Michel Foucault (1926 - 1984) e Marcia Angell (1939), como o processo no qual usa-se o poder científico como método de higienização social e controle. E o metilfenidato é um estimulante do sistema nervoso central, utilizado no tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), com efeitos marcantes na cognição. Como proposta de estudo pretendemos esmiuçar o significado da medicalização da vida, buscando identificar como esse fenômeno influencia na busca de altos resultados e como a grande procura pelo uso do Metilfenidato para aumentar a concentração, em especial entre estudantes, está relacionada com este fenômeno.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com Sanches e Amarante (2014) a medicalização é um processo que atravessa marcos teóricos, históricos e políticos. Os estudos sobre o fenômeno da medicalização se iniciaram em 1970, com estudos liberais e humanistas. Entretanto, já em 1950 sociólogos buscavam entender como a medicina atuava na vida cotidiana dos indivíduos. Iniciava-se o estudo sobre como ocorria a patologização da vida, definindo o conceito de medicalização (SANCHES e AMARANTE, 2014). À medida que o termo foi sendo estudado, ocorreu a abrangência na conceituação, sendo assim, há complexidade ao conceituar exatamente o que significaria o termo medicalização. Para a realização deste artigo, usaremos o conceito de medicalização do professor e sociólogo Peter Conrad:

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

[...] processo irregular e sociocultural que pode, ou não, envolver a profissão médica, da mesma forma que pode, ou não, conduzir o controle social ou a um tratamento médico, e ainda pode, ou não, ser resultado de uma expansão intencional da profissão médica. (p.122)

O filósofo Michel Foucault teoriza que a medicina usa o poder científico que adquiriu como método de higienização social, isto é, a medicina enquanto objeto de controle de comportamentos. Atualmente entendemos esse processo como o fenômeno da medicalização da vida. Outra autora importante e atual é a médica Marcia Angell com seus estudos sobre os mecanismos da indústria farmacêutica, onde descreve que esta indústria trabalha em prol da transformação de usuários de remédios por questões de saúde em consumidores de medicamentos (SANCHES e AMARANTE, 2014).

O estudo do conceito medicalização é introduzido por Ivan Illich, que inicia seu debate responsabilizando a instituição médica, farmacêutica e midiática de influenciar a cultura contemporânea, através do conhecimento científico. No entanto, após o contato do autor com o sociólogo Peter Conrad, que acredita que a sociedade tem atuação ativa, isto é, a medicalização não é regular e precisa, sendo submetida e dependente ao momento histórico que se encontra, Illich reavalia seu estudo, e considera que a sociedade tem ponto crucial no fenômeno da medicalização. Portanto, ao adicionar a sociedade ao debate, é entendido que o sujeito comum é colocado como autônomo de seu próprio cuidado, o que faria dos sujeitos responsáveis por sua própria enfermidade. (SILVA & CANAVEZ, 2017)

Com a medicalização atuando em todas as áreas da sociedade, na educação não seria diferente. A abertura do espaço escolar para a psiquiatria ocorre com o objetivo de fazer um diagnóstico precoce de doenças mentais em crianças e adolescentes, que são vistos pela indústria farmacêutica como consumidores de medicamentos em potencial, como apontam Lima e Caponi (2011 *apud* Beltrame et al. 2019). Heckert e Rocha (2012 *apud* Beltrame et al. 2019), em concordância com as autoras acima citadas, elucidam que as políticas estatais de educação não têm diálogo com a população que delas necessitam, fazendo com que os processos de ensino-aprendizagem sejam utilizados como mecanismos de produção de resultado, através do aperfeiçoamento da atenção e da adequação de comportamentos através

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

da disciplina, visando o mercado de trabalho. Conseqüentemente, os alunos recorrem à medicação para a resolução rápida do seu problema desde novos.

De acordo com Silva et al. (2013 e Leonardo e Suzuki, 2016 *apud* Beltrame, 2019) inúmeros professores relatam que os estudantes encaminhados ao serviço de saúde, que fazem uso de medicações, conseguem produzir as atividades em sala de aula de forma mais satisfatória e possuem maior capacidade de concentração. Beltrame et al. (2019) complementam ainda que o motivo da grande adesão dos pais para com o medicamento também está voltado para "a melhora da capacidade da atenção e ao controle da agitação dos filhos" (p. 8) e "à falta de compreensão sobre os efeitos colaterais que o medicamento pode causar" (p. 9). Desta forma, é necessário conhecer melhor o medicamento metilfenidato para entender a relação de seu consumo com a busca de desempenho.

O cloridrato de metilfenidato é conhecido comercialmente como Ritalina, Ritalina LA e Concerta. O fármaco em questão é um "estimulante do sistema nervoso central, com efeitos mais evidentes sobre as atividades mentais do que nas ações motoras" (BRASIL, 2012, p. 02). O medicamento é aprovado pela ANVISA para o tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e para o tratamento de Narcolepsia.

Souza e Guedes (2021) afirmam que o Brasil é o segundo país que mais utiliza o fármaco metilfenidato, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, o que gera grande preocupação entre os encarregados da saúde, afinal é um medicamento que pode causar dependência, principalmente quando usado sem prescrição. O uso indiscriminado do fármaco ocorre, pois, apesar do seu uso ser indicado para o tratamento de TDAH e Narcolepsia, a droga ganhou grande visibilidade no meio acadêmico por aumentar a atenção e a cognição e combater a fadiga, o estresse e a ansiedade, auxiliando, desta forma, os discentes a terem um melhor desempenho acadêmico. (PEUKER, FOGAÇA e BIZARRO, 2006 *apud* DUARTE et al., 2020, p.61).

Ferreira (2015) apresentou em seu relatório os resultados de uma pesquisa elaborada por Arria et al. (2006) que pontuou os principais motivos que levam estudantes a fazer uso do metilfenidato e os principais efeitos que os estudantes sentiram ao tomar o medicamento. Os motivos dizem respeito à pretensão de melhora do desempenho intelectual e maior efetividade no desenvolvimento de tarefas como estudar e elaborar trabalhos. Já os principais efeitos que os estudantes sentiram ao tomar a medicação foram: "maior concentração, motivação, sentido

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

de compromisso, bom humor, capacidade de foco e de concentração, energia, euforia, vigilância, ausência de stress” (FERREIRA, 2015, p.23).

Apesar de os efeitos da Ritalina auxiliarem os estudantes a obterem um melhor desempenho acadêmico, esse fármaco pertence a classe das anfetaminas, que de acordo com a ANVISA (2013) pode levar a dependência, por isso é necessário um controle especial com prescrição e acompanhamento médico individualizado. Além disso, os usuários podem apresentar uma série de efeitos colaterais como “cefaleia, sudorese, falta de apetite, insônia, ansiedade e irritabilidade” (DUARTE et al., 2020, p 6). No caso do uso abusivo do metilfenidato as reações são ainda mais graves, como alterações cardíacas, alucinações, dores abdominais, náusea, anorexia, euforia e convulsões, pontuam os autores Silvia, Leite e Telles (2020 *apud* Duarte et al. 2020)

CONCLUSÃO

O medicamento cloridrato de metilfenidato (Ritalina ou Concerta) de imediato, pode apresentar os resultados desejáveis por estimular o sistema nervoso central, e com isso apresentar efeitos nas atividades mentais, podendo resultar em alguma motivação. Entretanto, o uso sem prescrição leva à dependência e uma sequência de efeitos colaterais.

Sendo assim, a relação do fenômeno da medicalização e o medicamento metilfenidato se dá ao passo que, os jovens, por viverem em uma sociedade capitalista que exige grandes resultados, utilizam do medicamento para estimular o sistema nervoso central e com isso aumentar sua produtividade, para se sentirem como parte integrante e colaborativa desta sociedade, gerando assim uma sociedade cada vez mais pautada na medicalização.

Em suma, é necessário que se façam pesquisas acadêmicas sobre o uso exagerado de estimulantes na busca de resultados, e a partir desta, políticas públicas alertando sobre os riscos do uso contínuo de medicações, pois a facilidade de acesso das informações junto a ideologia individualizante dos indivíduos é que são responsáveis pela sua enfermidade e saúde, fazendo com que a medicalização da vida se torne inevitável.

Referências

BELTRAME, Rudinei Luiz; GESSER, Marivete; SOUZA, Simone Vieira de. Dialogos sobre medicalização da infância e educação: uma revisão de literatura. **Psicologia em Estudo** [online]. Santa Catarina, 2019, v. 24. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.42566>. Acesso em: 23 ago 2022.

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

BRASIL. **Nota técnica Nº 38/2012**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/conjur/demandas-judiciais/notas-tecnicas/notas-tecnicas-medicamentos/notas-tecnicas/m/metilfenidato-atualizada-em-29-10-2013.pdf>. Acesso em: 12 abr 2022.

CARVALHO, Sérgio R. et al. Medicalização: uma crítica (im)pertinente? Introdução. **Physis: Revista de Saúde Coletiva** [online]. 2015, v. 25, n. 4, pp. 1251-1269. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312015000400011>. Acesso em: 13 set. 2022.

DUARTE, Maria Nathalia Francalino et al. Uso de Psicotrópicos entre alunos de graduação do Curso de Psicologia. **ID on line. Revista de psicologia**, [S.l.], v. 14, n. 49, p. 51-63, fev. 2020. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2288>. Acesso em: 17 abr. 2022.

FERREIRA, Michael António Costa. Caracterização do uso de psicoestimulantes na comunidade acadêmica. **Relatório para obtenção do grau de mestre em Ciências Farmacêuticas**. Covilhã. 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/5406>. Acesso em: 12 abr. 2022.

PEUKER, Ana Carolina; FOGACA, Janaina; BIZARRO, Lisiane. Expectativas e beber problemático entre universitários. **Psic.: Teor. e Pesq., Brasília**, v. 22, n. 2, p. 193-200, ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/X6yVBt77srZSghcKjPtPtVv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 abr 2022.

SOUZA, Giulia Cecília de Souza; GUEDES, João Paulo de Melo. The indiscriminate use of Ritalin to improve academic performance . **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 15, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23004>. Acesso em: 17 abr. 2022.

SANCHES, Valéria Nogueira Leal; AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. Estudo sobre o processo de medicalização de crianças no campo da saúde mental. **Saúde Debate**. Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, P. 506-514, jul-set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/ndTy5YqQ6wC958FwyK6Xj6v/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 abr. 2022.

SILVA, Livia Machado; CANAVEZ, Fernanda. Medicalização da vida e suas implicações para a clínica psicológica contemporânea. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 17, n. 3, p. 117-129, dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 13 set. 2022.